

DIVULGAÇÃO

3 Obás de Xangô trata da amizade de Jorge Amado, Caymmi e Carybé

Retrato de afeto e espiritualidade

Mariana Reginato

Nesta semana, o documentário 3 obás de Xangô, do diretor Sérgio Machado, chega aos cinemas com narração de Lázaro Ramos. Vencedor do Grande Otelo de Melhor longa-metragem documentário, o filme mergulha na amizade entre Jorge

Amado, Dorival Caymmi e Carybé e a conexão dos três com a Bahia e o candomblé. O Correio conversou com o diretor e roteirista Sérgio Machado sobre a inspiração do projeto e o reconhecimento do longa em festivais.

DUAS PERGUNTAS PARA SÉRGIO MACHADO

O que te inspirou a fazer um documentário sobre Jorge Amado, Caymmi e Carybé?

Um aspecto muito curioso desse documentário é que ele é, sem dúvida alguma, meu filme mais pessoal, é um filme que alinha milhões de aspectos da minha vida, por exemplo, a minha infância. Minha mãe era uma liderança forte, ela se chamava Ieda Machado, na luta contra a intolerância religiosa em Salvador. Eu sempre fui muito grudado a ela e frequentava essas reuniões e pessoas muito importantes do Candomblé frequentavam a minha casa. Desde criança, escuto essas conversas. Então, é um universo que eu conheço. Muitos dos personagens do filme, por exemplo, como Mãe Estela, eu conheci.

Mas, curiosamente, a ideia não partiu de mim. Eu fui convidado para fazer esse filme. A ideia veio de um roteirista chamado Gabriel Meyohas, que tinha a ideia de fazer um filme sobre a amizade dos três e especificamente a partir da troca de cartas. Eu me animei logo, porque eles eram autores muito próximos de mim, mas eu pedi para fazer isso a partir de um olhar meu também. Tecer essa história de amizade a partir de questões minhas, aí eu trouxe o Candomblé. Eu queria fazer um filme sobre esse afeto que os une, mas também com alguma questão política que eu achava que era contemporânea e importante.

Eu acho que poucas questões hoje no Brasil são tão relevantes quanto

a questão da intolerância religiosa, o massacre que as religiões afro-brasileiras brasileiras tem sofrido é grave na Bahia. Trouxe o candomblé com um elemento de costura dessa amizade, mas outros aspectos que eu acho que são muito importantes nas obras dos três como o mar como elemento que costura a baianidade do recôncavo, o aspecto feminino que eu acho muito definidor de um caráter baiano e o senso de humor, é muito peculiar na Bahia.

O filme tem sido muito reconhecido e premiado. Como você se sente com esse reconhecimento do seu trabalho?

É engraçado, todos os festivais que ele participou até agora, saiu com

algum prêmio. Talvez porque, normalmente, as premiações eram sempre na quarta-feira de Xangô, vai ver que é isso. Além dos prêmios, uma coisa que me surpreendeu bastante foi a recepção das pessoas. Eu imaginava que iam gostar, se divertir, mas uma coisa que eu não supunha é que, nas sessões iniciais, as pessoas choraram muito. Eu fiquei muito surpreso de ver que boa parte das pessoas estavam com a cara inchada e eu fiquei intrigado tentando entender o porquê dessa relação e conversando com o Walter Salles, ele falou que acredita que estamos vivendo um momento tão duro, de tanta disputa em todas as esferas.

No filme, Jorge Amado diz que sem amor não vale a pena viver, que ouvi Caim

me dizer: "Acredita no feminino das coisas, acredita na barriga, acredita na mulher, acredita na delicadeza". Eu acho que isso pegou nas pessoas. Isso emociona muito, viver num cotidiano tão duro, e, de repente, durante uma hora e meia, você está em um lugar onde as pessoas estão transbordando afeto umas pelas outras e acho que as pessoas se dão conta do quanto isso faz falta. Teve uma coisa que as pessoas falam muito nas sessões, a ideia de que eu queria viver dentro desse filme, ser amigo de Jorge Amado, de Dorival e de Carybé e vivenciar esse afeto. Eu acho que isso está na raiz do filme. É um filme que mistura afeto e resistência, por causa da luta dos obás, intolerância religiosa e o racismo.